

# NUNO JÚDICE

Entrevistado por Maria Augusta Silva

ABRIL 2005

Primeiro livro, *A Noção do Poema*, 1972. Depois, uma vasta obra que se projectou a nível internacional. Um universo literário integrador do real e do imaginário, criando o «enigma» essencial à respiração da escrita, indispensável à interrogação permanente e inquieta que justifica o ser.

Nuno Júdice nasceu em 1949, Maxilhoeira Grande, Algarve.

Um percurso que passa pela poesia, romance, conto, ensaio, dramaturgia. Licenciado em Filologia Românica, professor na Universidade Nova de Lisboa, distinguido por alguns dos mais prestigiados galardões, exerceu os cargos de conselheiro cultural da Embaixada de Portugal e de diretor do Instituto Camões em Paris.

### **Foi bom aluno a geometria?**

As ciências nunca foram o meu forte. Não quer dizer que não me interesse pelo desenho. Houve um livro fundamental para mim e continua a lê-lo: *Tratado da Pintura*, de Leonardo da Vinci. Mostramos não ser possível uma atividade estética sem se refletir sobre o que se faz.

### **Daí o título do seu novo livro *Geometria Variável*?**

Vejo o poema como uma forma geométrica. Há nele retângulos, quadrados, até pode haver triângulos. O poema encaixa nessa geometria.

### **Sinto-lhe na poesia um sentimento mais circular: ponto de partida com retorno...**

O aspeto da circularidade é muito importante em mim. Dá-se um regresso a imagens, a obsessões, a temas. Mas de cada vez que regresso surge qualquer coisa diferente. Há uma transformação. É procurar dentro do mesmo o que é diverso.

### **Consoante o Eu e a circunstância?**

Também consoante as transformações que vamos sofrendo. O Eu é dinâmico e a sua transformação projeta-se no poema e modifica-o.

### **De tal modo a ideia de retorno lhe está no sangue que fecha este livro com o poema *Regresso à Caverna de Platão*...**

A caverna é o mundo das sombras, o mundo interior. É a partir daí que nos confrontamos com os fantasmas. Com esses fantasmas que são, também, projeções do Eu e projeções do que não sabemos sobre nós. A poesia é, igualmente, uma forma de conhecimento, uma procura para conhecer melhor o que somos.

### **Sente-se arquiteto da sua obra?**

A poesia é uma casa, um espaço habitável. Nesse sentido, o poeta é um arquiteto. Concebe e constrói esse espaço para sair ou para viver nele como num labirinto onde também existem monstros. A poesia não se limita a ser um conjunto de frases ou de musicalidades.

### **Deve a poesia espelhar o poeta?**

É como uma caixa. Pode ser uma caixa negra, uma caixa onde conseguimos entrar para saber aquilo que, por vezes, estava esquecido ou de que não nos tínhamos apercebido. Fica registado tudo aquilo que vivi, que fui e sou. Ao ler o poema é uma parte de mim que está ali.

### **Distante, agora, das funções de conselheiro cultural que exerceu em Paris, como vê a Europa da cultura?**

Em termos culturais, a Europa não vive o melhor momento. Estamos numa fase de procura de novas linguagens, de novos pensamentos.

### **Demasiado pessimista?**

Há coisas novas. E a poesia continua a ser uma das expressões mais criativas da linguagem contemporânea. A poesia portuguesa é considerada, hoje, das mais criativas e originais. Quando me encontro com outros poetas europeus ou da América Latina ou do Médio Oriente, há uma esperança de que a situação irá evoluir no sentido da renovação.

### **Poderá a poesia ajudar ao diálogo entre civilizações e fazer calar as armas?**

Através da poesia poder-se-á juntar as pessoas, independentemente das diferenças religiosas e políticas. E o diálogo seria mais fácil, porque a poesia é uma linguagem em que os conflitos são menos importantes do que a identidade das várias culturas.

### **Gostaria de voltar a ser conselheiro cultural em algum sítio?**

Foi uma experiência de que gostei, uma época de que guardo excelente recordação, mas todas essas atividades têm o seu tempo. São ciclos. Esse fechou-se.

### **Quando vai a tanto mundo nunca houve um local onde desejasse ter ficado?**

Sou português. É a este país que estou ligado. É toda a memória, a terra, o espaço que tenho aqui, decisivo para a minha escrita e para a minha vida. Estar fora é sempre uma passagem, embora importante, porque, se é verdade que Portugal tem essa qualidade única no aspeto da paisagem e do espaço, o ambiente intelectual pode limitar-nos. É fechado e autodestrutivo.

### **Por que traça um perfil negro da intelectualidade portuguesa?**

Há um pessimismo herdado dos séculos XVIII e XIX. Na Alemanha aconteceu o mesmo em relação a Schopenhauer e a Nietzsche. Mas em Portugal isso ficou. Uma grande limitação é a de sermos incapazes de suplantar esse sentido negativo.

### **Como viu a proibição dos símbolos religiosos em França?**

Prende-se com a afirmação de um fundamentalismo religioso que começava a afrontar o que em França é fundamental: o estado laico. Por muito desagradável que seja a palavra proibição, julgo que se destinou a preservar uma filosofia que vem desde a Revolução Francesa e estava a ser posta em causa por uma ostentação provocatória.

### **Problema que merecia ser referendado?**

Banalizar o referendo é, também, uma desresponsabilização.

### **Portugal tende para a banalização do referendo?**

Fala-se demasiado em referendos sobre coisas que poderiam ser decididas de outra forma.

### **Nomeadamente a questão do aborto?**

Acho que devia ser legislado.

### **Consegue entender por que é que as religiões provocam tantas guerras?**

As religiões quando têm por baixo o petróleo. O que está sempre subjacente às guerras, sejam religiosas ou não, são os grandes interesses económicos, os conflitos entre potências e o tentar ganhar-se o domínio da economia mundial.

### **Os fundamentalismos nunca têm um só rosto...**

O que está a passar-se com o fundamentalismo é, também, qualquer coisa que, em grande medida, é consequência de um jogo de interesses que investiu nesse fundamentalismo para combater, até, forças laicas no mundo árabe mas que contrariavam interesses norte-americanos.

### **De certo modo, os EUA precisam agora da diplomacia europeia?**

A relação dos EUA com a Europa foi sempre um pouco conflituosa. Sofre do complexo de Édipo. Depois dos últimos conflitos que desencaderam, os EUA mostram-se incapazes de controlar os estragos. Será, talvez, através da Europa, devido à relação diplomática que mantém com as culturas árabes (e com quem dentro delas procura igualmente combater o extremismo) que poderá ser encontrada uma solução.

### **A Europa deverá dar um salto em que direcção?**

No sentido de uma unificação. A Constituição Europeia vai ser muito importante para que a Europa comece a pensar-se como um todo e para poder encontrar-se a identidade de cada cultura dentro desse grande espaço comum.

### **É indispensável que o espaço europeu fortaleça uma massa crítica de elites?**

A Europa tem de ir mais pela cultura do que pela economia. E não deixar perder isso. A partir do momento em que se perca, diluir-nos-emos na globalização.

### **Europa e os mundos lusófonos: será possível um casamento?**

Mas não pode acontecer de forma artificial. O encontro e o diálogo com o outro tem de dar-se a partir da exigência de cada cultura.

### **O Instituto Camões conseguirá levar as naus a bom porto?**

Deve, sobretudo, continuar a sua função: afirmar a cultura portuguesa no estrangeiro. Investir aí e não deixar perder o trabalho feito. Se o ritmo se perder, para o recuperar será mais difícil e mais caro.



### **A presença da “mulher amada” é tão forte no seu novo livro que ousou perguntar-lhe: é um mito poético? Procura estar próximo de Petrarca e de sua Laura?**

Estou mais perto de Petrarca que de Dante com a Beatriz celeste. Nestes poemas, a mulher surge da pintura. Desde a origem do mundo até às Vénus que vêm do Renascimento, vemos aí o sexo na

sua imagem mais óbvia, mais imediata. Os poemas dão imagens diversas do feminino.

### **Não é por acaso que lembra Courbet...**

Pintor de que gosto muito por uma certa violência, que é o carnal e o fusional na sua pintura, indo ao encontro da necessidade de dizer o amor. É através das várias formulações do corpo e do sentimento amoroso que o amor se vai dizendo e transformando.

### **De um dos seus poemas, depreende-se que o amor é "a palavra que não precisa de ser dita". Contradição?**

Tudo só existe quando é dito. Dizer o amor é fundamental para que ele se realize e ganhe consistência material. Não há apenas a face teórica ou abstracta, mas igualmente os aspetos concretos e físicos do amor.

### **Sem a figura da mulher nunca teria sido poeta?**

Penso que não. Passa pela procura do Outro (e nesse Outro está, também, a pessoa amada) que desencadeia o processo poético. É o diálogo, o exercício de sedução, embora não reduza o poema a isso.

### **Há muita sensualidade na sua obra...**

Talvez devido à minha relação com o mundo concreto, com a natureza e com o lado físico das palavras.

### **Curiosamente fala das "mãos da alma". São elemento concreto ou abstrato?**

É possível que tenha mantido qualquer coisa do meu catolicismo primário. Sou do tempo em que na catequese dividíamos a pessoa em corpo e alma. Mas a ideia de qualquer coisa que se desliga do que somos enquanto objeto físico e terrestre levou-me a procurar uma

imagem para a alma. É uma figura também material com a qual dialogo.

### **Uma mulher ficcionada?**

A alma não tem sexo. Interroga sobre o que somos. É essa a dúvida que o ser transporta consigo.

### **Sente-se no seu trabalho literário um diálogo entre o acaso e o ocaso...**

O ocaso surge da minha adesão ao tom crepuscular da poesia simbolista. Mas o ocaso como sinónimo de morte já o ultrapassei. Esgotei a minha relação com o tema vida e morte.

### **No seu romance *O Anjo da Tempestade*, por exemplo, não mantém um pendor existencialista?**

É um livro que vem muito da minha relação com Sartre, que li muito cedo. Foi a partir da leitura de Sartre que questioneei toda a religião, toda a razão de ser do homem no mundo. Uma das coisas que mantenho dessa filosofia liga-se à ideia de que é na existência que nos afirmamos.

### **Por que diz no poema *Ideias Gerais*: "Esqueçamos o Homem e os seus princípios, como os seus fins"? Acaba por se dar mal com a humanidade?**

Apesar de tudo, dou-me bem. Não podemos pensar só em relação ao presente. Tem de haver um sentido. É esse sentido que a poesia me dá para a vida e para aquilo que a humanidade pode deixar para quem vier.

### **Além do gosto pelo campo, a água é constante na sua obra. Dá-lhe paz?**



Funciona em mim como uma imagem da dinâmica do próprio ser. A cadência da água é o ritmo do poema, que vive naturalmente e existe antes de nós. A água obriga-me a procurar em mim a expressão desse ritmo natural.

**Num dos poemas interroga: “O que é a literatura?” Chegou a alguma conclusão?**

Coloco essa pergunta de cada vez que começo a escrever um poema. É para responder a essa pergunta que se escreve. E quando nos reconhecemos no que estamos a ler, quando há ali um fôlego que dá vida ao texto, é isso que é a literatura.

**Tem, no entanto, a habilidade de deixar sempre a “teoria do enigma”...**

O enigma é a pergunta fundadora. Cada poema tem de colocar a pergunta. A resposta é cada leitor que terá de encontrá-la.

**E a pergunta é uma inquietude?**

Podia dizer como Pessoa: Às vezes inquietude, às vezes desassossego.

**Há sempre em si uma grande timidez na relação com os outros?**

Volto a Pessoa: O poeta é um fingidor.

**Estava a esquecer-me de lhe perguntar isto: Entre García Márquez de *Cem Anos de Solidão* e o de *Memórias das Minhas Putas Tristes* de que lado fica?**

Num grande escritor, mesmo um texto menor é sempre um grande texto. É um dos últimos grandes nomes do romance.